



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17521 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

A relação entre razão e mito em Franz Hinkelammert como desafio para a Educação.
Allan da Silva Coelho - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Relação entre razão e mito em Hinkelammert como desafio à Educação.

Introdução

Nossa época é desafiada por uma crise de injustiça sócio climática, o avanço político da extrema direita e a ameaça da ampliação dos conflitos bélicos. Sob a hegemonia do neoliberalismo mais radical anti-direitos, aprofunda-se a sensação de frustração e agressividade da experiência da vida submetida à reificação e ao fetichismo mercantil.

A incapacidade da civilização capitalista em resolver os problemas que cria, exige uma transformação radical. Entre os aspectos que se apresentam nesta incapacidade estão os limites da concepção mecânica da consciência e a crença no poder da transmissão de informações científicas como condições suficientes mudar. O saber da razão instrumental é necessário, mas não suficiente (Freire, 2014). Seria necessário avançar na crítica dos mitos da modernidade e a busca de alternativas para o sentido para a vida, a partir de modelos de humanidade que permitam discernir sob o efeito da fascinação do fetichismo capitalista (Autor, 2024). Propomos discutir a crítica da razão instrumental, um tema tradicional da Filosofia da Educação, a partir da abordagem de Franz Hinkelammert.

O pensamento crítico de Hinkelammert

Nos estudos do campo interdisciplinar “capitalismo como religião” (Malafatti, 2022; Sung, 2014; Dussel, 2000) destaca-se a contribuição de Hinkelammert para a teoria crítica latino-americana. Ele concentrou seus estudos em “busca de desmascarar as “armas ideológicas” que mantém o sistema capitalista, permitindo uma crítica radical a este sistema dominante” (Malafatti, 2022, p.107). Promove uma nova incursão na teoria do fetichismo de Marx de forma interdisciplinar que o torna um “método de pensamento original” (Sung, 2018). Nesta perspectiva metodológica, associamos a teoria do fetichismo com elementos da pedagogia freireana para compreender melhor os aspectos míticos da razão. Por delimitação, abordamos a associação de mito e razão como crítica da Modernidade em Hinkelammert.

Discute a finalidade do conhecimento humano visando desmontar lógicas sacrificiais e permitir a humanização da vida real. A racionalização do irracional e a irracionalidade da

razão não se constituem chaves excludentes, mas uma permanente tensão dialética, que se desaparece dos horizontes da educação reduz muito das reflexões da área a formas de ensino mais ou menos adaptadas ao sistema e com maior grau de eficácia.

Uma ideia central é a relação do pensamento crítico com o processo de humanização, que leva a afirmar sua perspectiva como um humanismo da práxis. Este ponto tem forte consonância com o movimento intelectual de Paulo Freire (2014). Hinkelammert (2008) afirma que nem todo pensamento que critica algo é pensamento crítico, mas somente aquele que se constitui na perspectiva da emancipação humana. Mesmo a ideia de emancipação humana não é unívoca, sendo que neste pensamento está associado não a formas de superação da humanidade, mas na própria humanização das relações humanas, que ao mesmo tempo conduz a outra forma de relação com a natureza. Assim, emancipação deve ser humanização.

Em Freire, se a realidade histórica impõe uma realidade em que há diferentes processos de desumanização, a vocação do ser humano é a sua humanização. Hinkelammert afirma que o ser humano tem dignidade, ainda que nasça sob algum tipo de encarceramento. “A cadeia é algo de negação do que é o ser humano” (Hinkelammert, 2008, p. 227). Por isso, é a realidade de desumanização. Humanizar é livrar da experiência de opressão, sendo que o pensamento crítico está a serviço de identificar estas prisões e propor caminhos de libertação. Hinkelammert formula a noção de um grito pela humanização vindo da vida real. Para colaborar nesta formulação, destacamos a relação das formas de pensar com os marcos categoriais míticos.

Mito como esquema categorial

Estudiosos especializados no tema do mito são quase unânimes em afirmar a dificuldade de encontrar uma formulação relativamente consensual para defini-lo. Mircea Eliade caracteriza-o por tornar-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas (Eliade, 1972, p.9). Para ele, o mito possui uma dimensão de “conhecimento” que supõe algo de dominação, de imposição de poder pela capacidade criativa. O ser humano, ao perceber-se inacabado, anseia a ser diferente do que é, desenvolvendo um ideal para sua própria humanidade que se situa em um nível superior ao “natural” em que se encontra. O mito seria um modelo exemplar, como um precedente de ação, um exemplo: “assim como os deuses fizeram, assim fazem os homens” (Eliade, 1998, 339). Suas considerações ajudam a entender a caracterização do mito como modelo exemplar, fora do positivismo.

Adorno e Horkheimer defendem que a razão não supera o obscuro horizonte do mito. A razão, reduzida aos seus atributos instrumentais sob a lógica do capital, torna-se auxiliar do econômico que a tudo engloba. Indicam a relação entre esta racionalidade e um horizonte mítico que, juntos, sustentam a sociedade em que o econômico é a referência mais abrangente. Eles afirmam que “com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é iluminado pelo sol da razão calculadora, cuja luz gélida amadurece a sementeira da nova barbárie” (Adorno e Horkheimer, 1985 p.38).

Para Hinkelammert (2008), esta relação entre razão e mítico se dá em uma perspectiva desafiadora: a noção de uma razão mítica. Se o mito tem um fundamento social, ele também colabora na fundamentação da compreensão da sociedade. Recorrendo à imagem do deus Janus, uma cabeça com dois rostos afirma que razão instrumental e razão mítica constituem duas faces da razão que, por produzir também o mundo mítico, não pode contradizê-lo.

Para evitar uma polifonia sobre a definição de mito, propomos acompanhar a noção de que o mito fundamenta e dá vida às suas crenças. Dussel, seguindo Ricouer, designa o mito como uma narrativa racional baseada em símbolos. Em Hinkelammert (2008), os mitos elaboram marcos categoriais de um pensamento diante dos desafios da vida no mundo, em especial os juízos vida/morte. Não seriam categorias da racionalidade instrumental, que tem sua lógica no princípio de causalidade e nas relações meio-fim.

A Modernidade pensa em mitos como qualquer sociedade humana. Produz novos mitos, mas também transforma os mitos que justificavam e concediam sentido à modelos sociais anteriores. Os mitos atuam na raiz, como postulado oculto (raramente explicitado) do sistema de valores. É tarefa do mito articular as hipóteses não testadas (ainda não ou por seu caráter de postulado), orientando a construção da “visão” do processo social como um todo significativo.

Considerações

O mito organiza os horizontes de compreensão e plausibilidade de uma visão social de mundo, expressado em uma narrativa simbólica e interpretado com sentido além do que diz. Em Hinkelammert, ao constituir um marco categorial, é diferente do modelo exemplar puro, descrito por Eliade. Os elementos míticos são organizados em uma constelação de sentidos, sujeitos a interpretações teológicas a partir de apostas existenciais. Não trabalham com conceitos, mas revelam através de imagens, a partir das quais se elaboram pensamentos conceituais. Assim, diferente de certas interpretações de que os mitos escondem sentidos, para Hinkelammert eles também revelam possíveis significados na história. Os sentidos atribuídos podem ser disputados, ocorrendo inversões em determinadas conjunturas históricas em vista de ocultar a culpabilidade em agressividade. Uma educação na lógica contra o fetichismo precisaria atentar aos elementos desta organização fundamental, associando-a à crítica da razão. De certa forma, estão presentes em partes do trabalho de Freire.

ADORNO; HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. RJ: Zahar, 1985.

DUSSEL, E. **Ética da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Eliade, M. **Mito e realidade**. SP: Perspectiva, 1972.

ELIADE, M. **Tratado de Hist. das Religiões**. SP: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 56ª ed. RJ: Paz & Terra. 2014.

HINKELAMMERT, F. **Hacia una crítica de la razón mítica**. La Paz: Driada, 2008.

MALAFATTI, F. **Educação em Direitos Humanos na perspectiva da Justiça**. Piracicaba: UNIMEP, (Tese) 2022.

SUNG, J. M. **Idolatria do dinheiro e Direitos Humanos**. SP: Paulus, 2018.

Palavras-chave: Razão mítica; Fetichismo; mito; capitalismo como religião.